

Gonçalo Cadilhe

2008/08/01

Em Viajante profissional

Do emprego nas ilhas flutuantes do lago Titicaca ao da Garganta do Tigre Que Salta, na China, eis Gonçalo Cadilhe, o escritor de viagens português mais apaixonado pela beleza do mundo.



[1]

Gonçalo Cadilhe aguarda no melting pot lisboeta, o Largo Martim Moniz. Caminha indiferente aos pregões, aos saris, aos caracteres chineses nas fachadas e ao bulício da cosmopolita praça. Apressamo-nos para a Sé, para o estúdio onde vai ser fotografado. O tempo urge. Acabado de lançar o seu quarto livro para a Oficina do Livro, *Nos Passos de Magalhães*, Gonçalo tem encontro marcado dali a uma hora e meia na Feira do Livro para uma sessão de autógrafos.

Palavras de escuteiro

Entre um petisco para repor forças, conta como já criança calcorreava as imediações da sua cidade natal, Figueira da Foz, de mochila às costas como escuteiro. Licenciou-se em Gestão de Empresas, mas o tempo que dedicou à área não chegou para aquecer a cadeira – foram apenas sete meses. Perante o apelo de todo um mundo por conhecer, Gonçalo partiu à descoberta. Antes de se começar a reger pelo princípio de “escrever para comer”, correu vários empregos sazonais em vários pontos do globo. Chegou a servir à mesa em Portofino, pequena localidade italiana junto ao Mediterrâneo. “Pelas minhas mesas passaram, entre outros, a Madonna, o Niarcos, o Armani, o Magic Johnson, o Berlusconi.”

O seu primeiro texto sobre viagens foi publicado pela revista *Grande Reportagem*, corria o ano de 1992. Começou a fazer da viagem e da escrita ofício a tempo inteiro. Depois da *Grande Reportagem*, o semanário *Expresso* aceitou publicar-lhe os relatos de uma volta ao mundo solitária feita apenas por terra e mar. O compêndio dessas crónicas resultou no livro *Planisfério Pessoal*. O sucessor de *No Princípio Estava o Mar* – também resultado de um conjunto de crónicas que escreveu para a revista *SurfPortugal* – narra a aventura do andarilho que deixou Portugal a bordo de um cargueiro transatlântico, para regressar à pendura num camião TIR.

Foram 19 meses em trânsito. Saiu de Lisboa para Valência – à boa moda de Cristóvão Colombo –, onde apanhou um transatlântico para os Estados Unidos, e daí desceu para a América do Sul. À boleia no cargueiro Contship London, deixou o canal do Panamá e rumou à Nova Zelândia com escala no Tahiti. Da Oceânia partiu, também por mar, para o Japão e a Ásia desvendou-se por terra até ao Médio Oriente para depois tornar à Europa.

[LER MAIS](#) ^[2]

Peregrino solitário

No estúdio dispararam-se os primeiros flashes. À vontade, Gonçalo continua a explicar a sua itinerante vida profissional. “É preciso ser metódico e responsável nesta vida que, à partida, pode parecer desregrada.” O processo de escrita em viagem já foi mais complicado do que é agora. Actualmente, com o e-mail e com a facilidade de acesso à Internet, tudo se processa mais facilmente. “Sou muito exigente comigo mesmo. Sou também disciplinado. Às vezes tenho de optar pelo que vai dar mais cor aos meus textos. Uma conversa com um taxista pode ser bem mais profícua que uma visita a um museu.” De facto, mais do que uma descrição de lugares e países, os livros e as crónicas de Cadilhe são um conjunto de reflexões acerca dos lugares que visita, da sua vida política, histórica e social, dos hábitos e gentes. E é justamente para se dar mais às pessoas e usos dos países que visita que Gonçalo é um viajante solitário. “Em grupo as pessoas tendem a fechar-se mais, não se criam os verdadeiros laços com os locais.” Para o escritor, a publicação do livro é o fecho de cada uma das suas jornadas. *A Lua Pode Esperar* foi o desfecho de uma viagem que o encaminhou à Patagónia, México, Peru, Argentina, África do Sul, Zanzibar, Indonésia, ilhas Marquesas, Tasmânia, Marrocos e algumas cidades europeias.



[3]

Durante a volta ao mundo de *Planisfério Pessoal* passou por quatro continentes, África ficou de fora e atravessada na vontade. Dedicou-lhe toda a sua atenção em 2006. Durante sete meses correu o país de sul para norte, pelo lado do Atlântico, até ao estreito de Gibraltar, o ponto de passagem para casa. África do Sul, Namíbia, Botsuana, Zimbabué, Zâmbia, Angola, República do Congo, Gabão, Camarões, Nigéria, Níger, Mali, Mauritânia e Marrocos formaram o itinerário da romaria. “A África não se prevê, vive-se. Vai-se lá.” O roteiro foi definido já no local. A indecisão do caminho a percorrer deveu-se a vários obstáculos, entre guerras, tensões políticas ou a inexistente e complicada obtenção de vistos. O resultado foi *África Acima*, relato sincero de um “continente impressionante”.



[4]

No seu percurso profissional, Gonçalo encetou peregrinações por lugares de beleza esfusante. Machu-Picchu, as cataratas Victoria, a savana do Zimbabué, o arquipélago das Mentawai, na Indonésia, as ilhas Molucas, a maravilhosa baía do Mdumbi, na África do Sul, Angkor, no Camboja, ou o desfiladeiro de Fish River, na Namíbia, foram palcos de trekking, de surf, de reflexão; de aventuras por medida a um viajante que se isola para absorver a plenitude do que vê.

“Em terra onde estiver, farei como vir fazer”

Esta máxima já lhe valeu algumas experiências bem sui generis. Nas ilhas Molucas, um dos seus destinos *Nos Passos de Magalhães*, foi convidado de honra num casamento. “Por norma nunca pergunto o que estou a comer, mas neste caso fi-lo. Como estavam no banquete indivíduos de várias religiões, perguntei o que ia ser servido de forma a agradar a todos. ‘É cachorro’. Era, mais propriamente cão esquartejado com molho de malaguetas. Como convidado de honra abri o banquete. Tinha uma plateia a olhar para mim à espera que eu dissesse: ‘Está ótimo’. Sabe a formigas, tem um travo agridoce.” Faz ouvidos moucos ao apelo de luxuosos resorts e de restaurantes gourmet. Refugia-se em pequenos hotéis para mochileiros, em pensões de aspecto duvidoso ou dentro de um saco-cama ao relento. Ada à boleia, a pé, nos autocarros a rebentar pelas costuras ou encarrapitado no tejadilho de uma camioneta, junto à carga. Faz como vê fazer.

O mundo não tem forçosamente de ser seu, como poderia sugerir o título *Planisfério Pessoal*. Gonçalo não pretende ser o português com mais carimbos no passaporte, “há quem compita para isso”. “Mas eu não. Até repito destinos para forçar o reencontro. Gosto de ver como o passar dos anos me faz viver certas experiências e lugares e como estão esses locais e os amigos que lá fiz com o passar dos anos.”



[5]

Desde Novembro as únicas viagens que tem feito são cá dentro, entre a Figueira da Foz e o Porto, e o autor não esconde a sua ressaca pela ausência de romaria, mas trabalho é trabalho e tem tido muitos projectos a ocuparem-lhe a atenção. A última publicação apresenta-se como “uma volta ao mundo baseada nas viagens do maior navegador português da história” – Fernão de Magalhães (1480-1521) foi o autor da primeira viagem de circum-navegação – e, além de livro, resultou num documentário com espaço de antena no canal RTP2 pelo que houve trabalho de escritório, na verdadeira acepção da palavra, a fazer.

Mas, no final de contas, qual o seu destino de eleição? É como perguntar a um pai qual o filho predilecto. “Não há um país que possa escolher. Seria injusto para todos os outros”.

Já a caminho da Feira do Livro, revela o que não dispensa na bagagem: “A ideia do regresso. Só com o regresso é que cada viagem faz sentido, como um livro que se termina, um ciclo que se fecha. Se não, a minha vida torna-se uma fuga para a frente sem pontos de referência”.

Aproximamo-nos do destino. “E agora o quais são os seus pontos referência?”. “Parto amanhã para a África do Sul”. É o início de nova romaria. Mais meio mundo. Ou será todo? Parte da África do Sul para subir parte do continente como cicerone de um grupo de viajantes que buscam uma experiência semelhante à descrita em *África Acima*. Depois, para não estranhar, segue viagem sozinho. Vai reencontrar velhos amigos, locais e experiências e, quem sabe, descobrir novos destinos. “Talvez o Sri Lanka ou algumas ilhas do Pacífico Sul”, mas isso são cenas dos próximos capítulos. O taxímetro pára.

Uma semana depois da nossa conversa, chega um e-mail de Gonçalo. Está em Jeffreys Bay, na África do Sul, a ver o mar: “J-Bay está clássico. No horizonte baleias e golfinhos”, conta. Parece que a lua tem mesmo de esperar.

Por **Maria Ana Ventura**

—

 [6]

Artigo impresso a partir de Up Magazine: <http://www.upmagazine-tap.com>

Endereço do Artigo: <http://www.upmagazine-tap.com/2008/08/goncalo-cadilhe/>